

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG COM EDUARDA ESPOSITO
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Receitas iguais, resultados semelhantes

As declarações de Flávio Bolsonaro contra a urna eletrônica foram lidas no próprio PL como mais uma repetição da estratégia do ex-presidente Jair Bolsonaro, em 2022. Se naquela época, com o governo na mão, Bolsonaro não conseguiu se reeleger, a reprise desse estratagema tende a levar ao mesmo desfecho.

Em meio ao tarifaço...

Nas Filipinas para a reunião de chanceleres da Associação dos Países do Sudeste Asiático (Asean), o ministro de Relações Exteriores, Mauro Vieira, aproveitou as presenças dos chanceleres Wang Yi, da China, e Sergei Lavrov, da Rússia, em Manila, para tratar do fornecimento de fertilizantes. Com o fechamento do Estreito de Ormuz, esses dois países se tornam ainda mais estratégicos como fornecedores.

... a China estende a mão

O governo chinês tem indicado que pode aumentar a oferta de alguns tipos de fertilizantes este ano, diante da crise em Ormuz.

Incertezas & movimentos eleitorais

A falta de confiança na candidatura de Flávio Bolsonaro foi o que levou a Federação União Progressista a preferir a carreira solo. O deputado Fausto Pinato (União -SP), por exemplo, tem andado pelo estado de São Paulo e não percebe o eleitor entusiasmado com a proximidade do pleito: “Não é uma eleição de amor e entusiasmo, e a sorte do Lula é que uma parcela do eleitorado votará com responsabilidade, e não com vontade”, afirma.

... eles se aproximam

Pinato considera que Lula teria uma eleição mais fácil se tivesse caminhado para o centro: “Fernando Haddad deveria ter sido vice de alguém do centro, mas o PT trabalha para manter a polarização acirrada, o que não é bom para o Lula. Por aqui, a mesma rejeição que o Flávio tem, o PT também tem”.

Presidentes de partidos buscam mandatos

Fracassada a tentativa de incluir os presidentes de partidos políticos na proposta de emenda à Constituição (PEC) da Blindagem, projeto que terminou arquivado no Senado, grande parte dos comandantes das agremiações partidárias decidiu concorrer às eleições deste ano. Quase dois terços deles vão disputar um mandato eletivo. No União Brasil, Antonio Rueda estreia na disputa eleitoral como pré-candidato a deputado federal no Rio de Janeiro. As vagas ao Legislativo são as que

mais atraem os dirigentes partidários.

» » »

Veja bem/ Em muitas conversas, quem convive diariamente com eles afirma que presidente de partido com mandato consegue indicar emendas ao Orçamento, ganham foro privilegiado, e o fato de estar no Parlamento dá mais poder aos dirigentes, responsáveis pela distribuição do fundo eleitoral e partidário.



CURTIDAS

Outro apelido.../ ... mesmo endereço. Enquanto por aqui, os petistas chamam o tarifaço a produtos brasileiros de “Tariflávio”, os políticos democratas nos Estados Unidos chamaram de “tarifas Bolsonaro”. Um vídeo que o governador da Califórnia, Gavin Newsom, gravou quando das primeiras tarifas, voltou a fazer sucesso nas redes com a vigência da nova taxaço de produtos brasileiros em 25%.

“Tarifas ilegais”/ “Estas tarifas contra o seu país são uma piada, uma abominação, ou melhor: as ‘tarifas Bolsonaro’. Vamos apenas deixar claro o que elas são. Nós estamos em superavit comercial com vocês, é um absurdo. São tarifas ilegais, e estão na Suprema Corte dos EUA agora. Nós fomos um dos primeiros estados a entrar com uma ação seguindo esse princípio. Isso está aumentando os custos dos produtos no meu país”, disse o governador.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Ciro é de todos/ O PSDB de Ciro Gomes não destinará seu palanque ao governo do Ceará exclusivamente a Flávio Bolsonaro. A contar pelas declarações de Ciro elogiando Ronaldo Caiado (PSD) e Renan Santos (Missão), eles podem chegar, que tem conversa.

E o PL, hein?/ A tendência é manter um “apoio envergonhado” a Ciro, apenas porque Flávio Bolsonaro sacramentou essa escolha. Nas redes sociais, porém, surgem muitas mensagens como “Michelle estava certa”. A ex-primeira-dama defendeu o apoio a Eduardo Girão (Novo).

» Entrevista | MARCELO VITORINO | CONSULTOR DE MARKETING POLÍTICO

Especialista avalia que normas do TSE para o uso da tecnologia atingem apenas as campanhas, e não impedem divulgação

“Regras para IA são insuficientes”

» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

As campanhas eleitorais têm um grande desafio pela frente: o uso da inteligência artificial (IA). O avanço da tecnologia obrigou o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) a estabelecer regras rígidas de como as campanhas devem usar esse mecanismo, como a proibição dos conteúdos nas 72 horas antes do pleito. Para o consultor de marketing político Marcelo Vitorino, no entanto, as diretrizes não serão capazes de combater os deepfakes e as fake news que estão por vir. O consultor conversou com os jornalistas Denise Rothenburg e Carlos Alexandre de Souza, ontem, no programa CB.Poder — parceria entre o Correio Braziliense e a TV Brasília. Leia os principais trechos:

O TSE proibiu o uso de IA nas campanhas sem a devida identificação. Essa decisão facilita ou dificulta a vida do eleitor?

Acredito que o TSE está tentando resolver o problema, mas a medida ainda é insuficiente. A proibição atinge diretamente partidos e candidatos. Uma campanha não pode produzir um conteúdo falso para prejudicar um adversário, nem para beneficiar o próprio candidato. O problema é que isso não impede outras pessoas de fazerem esse tipo de conteúdo. Os candidatos estão proibidos, mas qualquer cidadão pode produzir e divulgar esse material.

É possível remover esse tipo de conteúdo?

Retirar algo da internet é praticamente impossível. É como

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Acredito que o TSE está tentando resolver o problema, mas a medida ainda é insuficiente. A proibição atinge partidos e candidatos”

tirar xixi da piscina: não dá. Um vídeo, um áudio ou uma dublagem se espalham muito rapidamente. Nas últimas 72 horas antes da eleição, as campanhas não podem impulsionar conteúdos nem publicar materiais produzidos com IA. Justamente no momento mais crítico da disputa, elas ficam sem condições de reagir. Se um eleitor divulgar um vídeo difamatório, a campanha terá pouca capacidade de resposta, porque o horário eleitoral já terminou e não poderá recorrer ao impulsionamento nas redes.

Na prática, como é o uso da IA?

Vamos imaginar que eu criei um personagem fictício, a dona Maria, uma costureira do subúrbio do Rio de Janeiro. Posso gerar a imagem e a voz dela. A partir dessa personagem, faço críticas pesadas a um candidato e, de vez em quando, acrescento alguma informação falsa. Isso é liberdade de expressão ou guerrilha digital? Quem pode ser responsabilizado? Além disso, depois que esse conteúdo entra na internet, como será possível removê-lo?

Há como o TSE coibir a produção desse conteúdo?

Infelizmente, não. Não há mais tempo para isso. O responsável até pode ser penalizado, mas, primeiro será preciso, identificá-lo, notificar as plataformas e iniciar o processo judicial. Nas últimas 72 horas da eleição, esse tempo simplesmente não existe. Mesmo que seja possível, o Judiciário estará sobrecarregado de ações.

As campanhas deixaram as ruas e migraram para as redes sociais. Como o eleitor consegue



Assista ao programa na íntegra

formar uma opinião nesse ambiente?

Fui um dos pioneiros no uso do digital em campanhas políticas. Nesse cenário, a imprensa tem um papel fundamental para separar o joio do trigo. O eleitor precisará recorrer à imprensa profissional, às pesquisas e, principalmente, buscar informações de qualidade. Ele também tem responsabilidade nesse processo, porque o boato só ganha força quando encontra alguém disposto a acreditar e compartilhá-lo.

Qual rede social representa, hoje, o maior desafio?

Isso mudou muito. Em 2018, o WhatsApp foi o principal canal para a guerrilha digital e a desinformação. Depois, a própria plataforma adotou medidas para limitar esse tipo de prática. Em 2022, o problema já foi menor e, em 2026, tende a ser ainda mais reduzido, muito mais por mudanças na fermenta do que pela atuação da Justiça Eleitoral. Hoje, é preciso ficar atento ao Instagram e ao Facebook, além de redes às quais muitos políticos ainda dão pouca atenção, como TikTok e Kwai.

No dia a dia dos políticos, como a IA impacta as estratégias de campanha?

A inteligência artificial também tem um lado extremamente positivo. Imagine reunir todas as entrevistas que um político concedeu ao longo da vida, transcrevê-las e fazer uma análise completa desse material. Sem IA, isso levaria um tempo enorme. Além disso, vai reduzir os custos.

Nessa era digital, o horário eleitoral ainda é necessário?

Tem a parte do programa eleitoral, mas que muita gente hoje não assiste. As pessoas assistem o primeiro e o último, muitas vezes, e assistem os proporcionais para ver se tem algum engraçado, mas tem um peso razoável. O que eu vejo que tem mais peso são as inserções. São aquelas como se fosse uma propaganda que entra ali no meio da novela, no meio do jornal. A televisão continua sendo o maior meio de comunicação de reconhecimento. Não para enganar, porque isso é na internet.

Quais são os assuntos nos quais o senhor acredita que o eleitor prestará atenção para essa disputa?

Em quase toda eleição nacional, a pauta gira em torno da economia. Ano passado, diziam que seria a segurança pública. A violência é um problema que também deriva da economia. Não existe violência do jeito que a gente tem em países prósperos. Na última eleição, qual foi o grande projeto do Lula? Trazer a picanha de volta. O que é a picanha de volta? É a economia. Só que é a economia traduzida no linguajar popular. Na eleição de Bolsonaro, a pauta era a economia, com o destaque de Paulo Guedes, que foi ministro da economia.

***Estagiária sob a supervisão de Victor Correia**